

SOFRIMENTO HUMANO E CUIDADO DE SI E DO OUTRO NA VIDA RELIGIOSA

Elismar Alves dos Santos – IFITEG

Doutor em Teologia – FAJE – BH e Doutorando em Psicologia Social – UFRGS

E-mail: elismar01@yahoo.com.br

Fone: (62) 3218-5502

Data de recepção: 07/05/2015

Data de aprovação: 25/02/2016

Resumo: Como abordar o tema do cuidado em vista de amenizar o sofrimento na vida religiosa? Compreende-se como vida religiosa, nesse contexto, o estilo religioso assumido por padres e freiras. Para tratar do tema proposto, o artigo encontra-se dividido em quatro partes: *o processo de aceitação; a importância da escuta do outro na dimensão da aceitação; o líder como alguém que cuida de si e do outro*; por último, *na vida religiosa, o sofrimento é social?* Na primeira parte, explica-se que o processo de aceitação dos limites, quando feito com responsabilidade, contribui para uma análise dos motivos da não realização na vida religiosa. Já a segunda parte, dedica-se à reflexão da importância da escuta do outro no processo de aceitação das próprias dificuldades. Na terceira parte, colocara-se em discussão o papel do líder como alguém que necessita cuidar de si e do outro. Por último, na quarta parte, procuro mostrar que o sofrimento na vida religiosa exige que se leve em consideração o contexto social.

Palavras-chaves: Aceitação – Escuta do outro – Vida religiosa e presbiteral – Sofrimento social

Introdução

Werlang e Mendes (2013, p. 744), em um artigo recente sobre o *sofrimento social*, explicam que “o sofrimento tem se manifestado ao longo dos tempos e em diferentes formações sociais, todavia, contemporaneamente, ganha força quando iniciam os escritos que denunciam a situação dos trabalhadores nos locais de trabalho”. Essas diferentes formações sociais em que se compreende o sofrimento humano têm encontrado espaço também na vida de religiosos, padres e freiras. O tema do sofrimento na vida religiosa requer colocar em discussão o significado do cuidado como prática diária frente a essa realidade. Como surge o sofrimento? De modo geral, o que vale para a vida religiosa seria o fato de que “os trabalhadores que estão efetivamente trabalhando não se encontram necessariamente felizes, plenamente realizados. Emerge, desta forma, a questão do sofrimento no trabalho” (WERLANG; MENDES, 2013, p.745). Estar na vida religiosa ora como padre ora como freira e não se sentir realizado proporciona sofrimento às pessoas. Entende-se por sofrimento, o padecimento, a dor e amargura que se instalam na vida do ser humano.

A primeira parte do artigo descreve alguns traços de personalidade que podem impedir a pessoa de se realizar na vida religiosa e presbiteral.

1. O processo de aceitação

O ser humano depara-se, frequentemente, com realidades e dimensões que exigem serem “assumidas” existencialmente. Roger (2001) ensina que, para o ser humano crescer verdadeiramente, torna-se preciso, a princípio, “assumir” o que precisa ser “assumido”. Assim escreve: “muitas vezes, quando o cliente se apercebe de uma nova faceta sua, inicialmente a rejeita. E apenas quando vivencia um aspecto de si mesmo negado até então, num clima de aceitação, que pode tentar assumi-lo como uma parte de si mesmo” (ROGER, 2001, p. 196). Em seu dizer, a atitude do assumir, independentemente de qual seja a realidade, terá papel positivo por levar o ser humano a lidar com realidades ambivalentes por meio da aceitação. Porém, alerta que a postura do ato de assumir não significa conformismo, mas atitude inicial em vista do desenvolvimento da personalidade. Desse modo, o crescimento ocorre em decorrência da aceitação. Aceitar implica admitir. A pessoa será capaz de transcender ao admitir as realidades negadas em vista da mudança em sua estrutura de personalidade. Esse processo torna-se necessário para a sobrevivência e a convivência com os demais, por meio da Relação EU e TU.

O ser humano, como já assinalou Freud (1996a, p. 73-143), experimenta, em seu interior, mundo subjetivo, mundo inconsciente, este lado, às vezes, “sombrio” e mascarado. Geralmente, a razão, nesse contexto, torna-se insignificante aos pés do não observável, do não verbalizado. Em outras palavras, do inconsciente. A pessoa, nessa perspectiva, transforma-se de um ser inconstante

e volúvel. Ser não realizado. Sempre faltará alguma coisa, pois o homem não é um ser estático, como ensina a filosofia. O ser humano sempre irá caminhar com esse sentimento de não realização. Até certo ponto, o sentimento de não realização é positivo, pois desperta o desejo da busca. É negativo, entretanto, quando tal busca despersonaliza o indivíduo. O sentimento de não realização na vida religiosa e presbiteral pode despersonalizar a pessoa. Na relação, na comunidade, a vida corre o risco de tornar-se amarga e vazia. Isso porque já não há mais o encanto pela busca da realização. Talvez ela tenha até sido procurada, mas não foi encontrada.

E porque não foi encontrada? “Há em mim comportamentos que não se devem a deficiências psicopatológicas, nem à falta de ideais ou de generosidade, mas que são devidos ao fato de que eu sou perfectível, isto é, nem perfeito nem imperfeito, nem pecador impenitente nem santo para se venerar” (MANENTI, 1991, p. 53). Nesse contexto, faz-se necessária a seguinte observação: “A descoberta dessas inconsistências não nos leva então ao desespero; não se trata de deixar-se levar ao pânico, de bater no peito ou confessar-se sem parar; trata-se de aceitar a si mesmo de maneira realista: caminho segundo o Espírito, mas há em mim desejos opostos ao Espírito” (MANENTI, 1991, p. 54). Porém, “as inconsistências só podem ser trazidas à consciência com a ajuda de instrumentos psicológicos profissionais, como certos tipos de psicoterapia” (MANENTI, 1991, p. 55). Dessa forma,

é preciso estudar a relação entre as consistências e as inconsistências, isto é, entre as partes integradas e as partes instáveis do eu [...] não basta ver a fraqueza do homem, é preciso também ver quais e quantos são seus pontos fortes. E é aqui que os valores voltam a assumir importância (MANENTI, 1991, p. 55).

Ainda na discussão sobre a não realização na vida religiosa e presbiteral, falei que o processo de aceitação das inconsistências contribui para a descoberta das razões da não realização no seguimento de Cristo. Além dessas considerações, temos nos dias de hoje de uma *síndrome* que está cada vez mais presente na vida religiosa. É a *síndrome de burnout* (PERREIRA, 2012, p. 37).¹

O termo *burnout* designa, em inglês, uma chama que se extingue por completo. Ela define um distúrbio psíquico ligado ao exercício da profissão que extrai as forças, o envolvimento pessoal e a satisfação, gerando intenso esgotamento físico e mental. A síndrome foi estudada preferencialmente nas categorias de profissionais que

¹ Cf. W.C.C. PEREIRA, Sofrimento psíquico dos presbíteros: Dor institucional, Vozes, Petrópolis: 2012, p. 37. “No Brasil, a ‘Síndrome de Burnout’ integra a Lista de Doenças Profissionais e Relacionadas ao Trabalho (Ministério da Saúde, Portaria 1339/1999), além de estar registrada nos Anais da Classificação Internacional de Doenças, 10 revisão, CID-10, com o seguinte código e descrição: ‘Z 73.0 _ Sensação de estar ‘acabado’”. (p.33). CID: Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10, 1993.

desenvolvem uma tarefa de ajuda. São numerosos os sintomas da *síndrome de burnout*: tristeza, vazio interior, despersonalização, alterações de comportamento, depressão, esgotamento, stress, insatisfação, recalque de conflitos internos etc. (CARRARA, 2012, p. 737).

Acredito que a *síndrome de burnout*, às vezes, pode estar relacionada com o sentimento de não realização na vida religiosa e presbiteral. Ou melhor, em decorrência de sua instalação na estrutura psíquica, a mesma pode levar o religioso (a) ou o presbítero à perda da realização vocacional, em decorrência do esvaziamento psíquico e espiritual:

Os sentimentos que eram “a favor dos outros” passaram a se transformar em “repulsa”. Ou seja, a síndrome se desenvolvia em pessoas que antes faziam da ajuda afetiva aos outros a sua profissão e que esperavam o mínimo retorno amoroso, como professor, assistente social, médico, enfermeiro, psicólogo, padres, religiosos, freiras e atendentes públicos. Há em comum entre essas pessoas a procura de satisfação no trabalho que busca fazer os outros felizes, melhores, curados (PERREIRA, 2012, p. 35).

Assim, “sem um suporte de sustentação, há o risco de o sujeito ser arrastado pelas próprias limitações e impotências, o que, conseqüentemente, leva à desintegração do seu Eu” (PEREIRA, 2012, p. 35). Quanto aos sintomas da *síndrome de burnout*, a literatura assim explica os principais sintomas: a) **Esgotamento emocional** e a diminuição de recursos psíquicos, intelectuais e baixa autoestima; b) **Despersonalização**, isto é, desempenhar o próprio serviço sem se envolver pessoalmente, tratar os usuários como objetos, procurando reduzir ao mínimo o próprio investimento amoroso; c) **Somatização** ou manifestação generalizada no corpo, como: cansaço físico, mal-estar, fadiga, frequentes dores de cabeça, aumento da pressão arterial, úlceras digestivas, aumento dos batimentos cardíacos, desordens gastrointestinais, dores de coluna e musculares, fibromialgias, entre outras; d) **Transtorno de comportamento**, como: irritabilidade e frequentes conflitos interpessoais, quadros paranoides, distanciamento afetivo, absenteísmo, baixo rendimento constante e quadros depressivos; e) **Probabilidade** de desenvolver outras condutas aditivas, como: consumo de álcool, fármacos, drogas, uso excessivo da internet ou transtornos alimentares, como, bulimia e anorexia (PEREIRA, 2012, p. 37).

Dessa forma, “para o tratamento tradicional da *síndrome de burnout*, é recomendável a combinação de medicamentos, como tranquilizantes ou antidepressivos, para atenuar a ansiedade ou a depressão, com a psicoterapia que busca a elaboração dos sintomas” (PEREIRA, 2012, p. 37).

Daí a importância da comunidade religiosa, a qual precisa estar alerta para perceber os sinais de fragilidade do Outro e procurar o devido tratamento. Significa que, cada vez mais, fica exigente o papel dos superiores e superiores das comunidades religiosas, na observância do comportamento dos membros que compõem a comunidade. Porém, para a pessoa relacionar-se com o Outro, exige-se do EU uma ulterior busca em si mesmo. É o que será explicado a seguir.

2. A importância da escuta do Outro na dimensão da aceitação

A Escuta que o Outro procura em alguém levou Freud (1996b, p. 107-117) a se dedicar a essa temática. A princípio, o pai da psicanálise chamou esse mecanismo de “associação livre”. Essa prática consiste em levar o indivíduo a falar de si. Em outras palavras, a pessoa procura dar “nomes” aos sentimentos. A partir daí, Freud (1996b) descobre que a pessoa precisa eleger alguém para escutá-la. De modo que a “cura”, nessa acepção, passa pela experiência da escuta:

Pathos não pode ensinar nada, ao contrário, conduz à morte se não for ouvido por aquele que está fora, por aquele que, na condição de espectador no teatro grego do tempo de Péricles, se inclina sobre o paciente e escuta essa voz única se dispondo a ter, assim, junto com o paciente uma experiência que pertence aos dois (BERLINCK, 2000, p. 21).

O que interessa nessa definição é a dimensão de *pathos*, por ter como significado, linguagem de sofrimento. Significa também “paixão” e “passividade”. Porém, *pathos* pode se transformar em patologia. Sobre essa possibilidade, “quando isso acontece, *pathos* transforma-se em patologia, ou seja, um discurso sobre o sofrimento, as paixões, a passividade” (BERLINCK, 2000, p. 20).

De acordo com Lukas (2002, p. 23), o ser humano sempre levanta as seguintes questões: *Como realizo a missão da minha vida? Sou importante para alguma coisa? Estou disposto a assumir minha vida nas condições existentes? Vivi erradamente e joguei fora minha vida?* As questões levam ao questionamento acerca da própria identidade, pois esta passa pela dimensão da realização enquanto ser humano, naquilo que se faz, no caso específico, como religioso (a) ou presbítero. O filósofo alemão Martin Heidegger (2004, p. 20) ensina que “Ser-no-mundo é uma questão de realização”. Assim, “Ser-no-mundo” não consiste simplesmente em estar no meio das coisas, de pessoas, da natureza etc. Mesmo em volta a tudo isso, o ser humano corre o risco de se sentir um Ser não realizado em sua totalidade. Entretanto, não se pode esquecer que a “verdadeira” realização somente será possível no “Ser-no-mundo”.

Daí a importância do “Outro” que possibilita “enxergar” o “Eu”. Em outras palavras: “Porque

quem sou Eu se não o Eu que Outros apresentam a mim?” (JOVCHELOVITCH, 2011, p. 59). Vimos dois pontos: *o processo de aceitação e a importância da escuta do outro na dimensão da aceitação*. Acreditamos, portanto, que o sentimento de não realização na vida religiosa e presbiteral pode ter relação com o que foi refletido. Como pontuado, os dramas psíquicos podem contribuir para a não realização na vida religiosa e presbiteral. Gostaria, agora, de refletir sobre o líder como alguém que cuida de Si e do Outro.

3. O líder como alguém que cuida de Si e do Outro

O caminho em vista da realização na vida religiosa e presbiteral, como ficou matizado, passa por duas dimensões: *o processo de aceitação e a importância da escuta do outro na dimensão da aceitação*. Qual seria o papel dos responsáveis diretamente pelas comunidades (superiores) e frente de trabalhos (lideranças)? O superior ou líder precisa sempre apresentar um itinerário que possa contemplar demandas dos que compõem a comunidade. Eis aí o ideal, o qual poderia se tornar real, caso ainda não o seja. E quando o responsável diretamente pela comunidade não proporciona meios em vista do bem comum? Significa que os líderes precisam autoanalisar-se frequentemente. No dia-dia, requer-se do líder a capacidade de lidar com as próprias emoções e com as emoções dos Outros. Ao líder é fundamental dialogar com as próprias ambiguidades e inconsistências para, assim, ser capaz de compreender e propor ao Outro um processo reflexivo e de crescimento. Em contraposição, espera-se do Outro sinal de abertura ao que é proposto. Porém, se o superior (liderança) não deixa transparecer em sua vida sinais de confiança e maturidade, não haverá interesse por parte dos membros da comunidade, mesmo dos que sofrem em silêncio.

Significa que, do superior ou de qualquer liderança é exigido o sentimento de confiança. Alguém capaz de guardar em segredo o que foi partilhado, por exemplo. Não usar de forma alguma a fragilidade do Outro em vista de seus interesses particulares. Em seu modo de ser e agir, precisa-se mostrar que “a própria descoberta dará a oportunidade para deixarmos cair a máscara que ocultava nosso verdadeiro EU, permitindo fluir a mudança” (NOVELLO, 2000, p. 18).

Ao superior ou líder de uma comunidade ou frente de trabalho, exigem-se muitas atitudes e habilidades, mas estas, a meu ver, são essenciais para o êxito do seu trabalho de *cuidar do Outro*: lidar com a própria agressividade, cultivar a calma, saber conviver com o ciúme, dialogar com a inveja, não usar da mentira em vista do próprio benefício, ponderar seu próprio sentimento de insatisfação, ser capaz de conviver com a solidão, perguntar a si próprio do porquê da insegurança, não deixar a tristeza invadir a própria vida e ser capaz de conviver com a hipersensibilidade (NOVELLO, 2000, p. 54-85).

Vejamos o que a literatura, especialmente a psicanalítica, diz sobre alguns desses traços de

personalidade. Primeiramente, a *agressividade*. “Entendemos por agressividade o impulso nervoso daquele que ataca. Esse ataque pode ser hétero ou autodirigido, ou seja, canalizado para outras pessoas ou contra si mesmo. A agressividade geralmente aparece como manifestação da falta de realização de desejos acalentados” (NOVELLO, 2000, p. 54-55). Já o *ciúme*, “projeta no outro seus próprios desejos inconscientes [...]. A origem do ciúme pode estar na superproteção infantil. A criança cresceu fragilizada, obtendo tudo, não precisando lutar, não aprendendo perder. E continua a querer tudo só para si” (NOVELLO, 2000, p. 60). Ao superior ou líder, caberá a seguinte pergunta: Sou invejoso?

Invejoso é aquele que quer ser o que não é, que gostaria de estar no lugar do outro a quem admira e cujos bens cobiça. Todos nós, em maior ou menor grau, podemos apresentar atitudes invejosas durante algumas fases da nossa vida [...]. A inveja surge quando a pessoa julga ter o direito de possuir algo e não possui e sofre por isso (NOVELLO, 2000, p. 63).

Percebemos, então, que a inveja tem o poder de destruir quem é invejoso. Causa mal-estar na comunidade, especialmente, quando, no modo de ser e agir, o superior (liderança) deixa transparecer tal fragilidade. Não os responsáveis diretamente pela comunidade e frentes de trabalho, mas todos os religiosos e presbíteros estão sujeitos ao sentimento de *insatisfação*. A esse comportamento, é preciso se perguntar: O que me falta? “Tenho saúde, dinheiro, trabalho, tudo para ser feliz. No entanto, sinto-me insatisfeito e angustiado [...] Esse sentimento vago pode surgir repentinamente e nos envolver [nesse contexto], provavelmente, nossas aspirações estão mais voltadas **para o ter** do que **para o ser**” (NOVELLO, 2000, p. 67-69). Passando para outro traço de personalidade, não é novidade que a *solidão* acompanha o ser humano independentemente de sua opção de vida. Entretanto, ao superior de uma comunidade e lideranças, essa realidade será um estado de espírito? “Solidão é uma maneira de sentir, está dentro da pessoa. Significa estar só. É um estado de espírito que pode estar presente em qualquer fase de nossa vida. A solidão pode ser uma opção ou uma contingência inevitável” (NOVELLO, 2000, p. 71).

Nos traços de personalidade de um superior de comunidade ou líder pode haver também o excesso de *hipersensibilidade*. Ninguém pode falar nada, caso contrário, sentir-se-á ofendido em decorrência da hipersensibilidade. “Hipersensibilidade é a exacerbação de um temperamento por demais sensível, muitas vezes depressivo. Não há dúvida sobre uma sensibilidade desenvolvida de forma adequada ser algo extremamente desejável, positivo e enriquecedor. O excesso, porém, como todos os extremos, é inconveniente e prejudicial” (NOVELLO, 2000, p. 85). Ainda, na perspectiva do cuidado de si, é exigido dos que estão à frente de uma comunidade, saber conviver com a própria

angústia e com a angústia do *Outro*. Gostaria de apresentar uma breve reflexão sobre a angústia no contexto dessa discussão.

Lacan (2005, p. 23) dedicou, em seus Seminários, um livro ao tema da *Angústia*. Lacan pergunta: “Que é a angústia? Afastamos a ideia de que seja uma emoção. Para introduzi-la, direi que ela é um afeto”. Ressalto apenas que, nessa obra, Lacan deixa transparecer, num primeiro momento, que a angústia, na relação entre paciente e analista, significa: “Sentir o que o sujeito pode suportar de angústia os põe à prova a todo instante” (LACAN, 2005, p. 13). Assim, a angústia coloca o ser humano à prova a todo instante. Não só na relação paciente e analista.

O mencionado psicanalista lança um desafio no árduo estudo sobre a angústia: “— a que distância colocar a angústia para lhes falar dela, sem pô-la imediatamente no armário e sem tampouco deixá-la na imprecisão?” (LACAN, 2005, p. 17). A partir da ótica lacaniana, penso que não seria exagero afirmar que ao superior ou líder de uma comunidade religiosa é necessário o esforço para se distanciar da própria angústia para ser capaz de administrá-la, para não ser “tomado” por completo por tal sentimento. Trata-se, portanto, de uma postura alicerçada no esforço de não se deixar tomar pela angústia, caso o contrário, não será capaz de conviver com a angústia do *Outro*, na comunidade. Nesse contexto, o filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard (2005, p. 164), na sua obra *O conceito de Angústia*, lembra:

A angústia é a possibilidade da liberdade, só esta angústia é, pela fé, absolutamente formadora, na medida em que consome todas as coisas finitas, descobre todas as suas ilusões [...] Aquele que é formado pela angústia é formado pela possibilidade, e só quem é formado pela possibilidade está formado de acordo com sua infinidade.

É interessante observar que o caminho proposto pelo mencionado filósofo diante da realidade latente da angústia, não é outro senão o mergulho na fé. Não defende a angústia pela angústia, mas oferece uma “possibilidade” de conviver com essa realidade que perpassa a condição humana: “Mas para que um indivíduo venha a ser formado assim tão absoluta e infinitamente pela possibilidade, ele precisa ser honesto frente à possibilidade de ter a fé” (KIERKEGAARD, 2005, p. 165). O caminho percorrido passou por três pontos: o processo de aceitação; a importância da escuta do Outro na dimensão da aceitação; o superior ou líder como alguém que precisa cuidar de Si e do Outro. As próprias dificuldades na vida religiosa podem levar a pessoa ao sofrimento. Além disso, certas dimensões do sofrimento social, como a humilhação e falta de reconhecimento, podem desencadear um sentimento de não realização na vida religiosa. Por essa razão refletimos sobre o papel da escuta como uma

forma de dar nomes aos sentimentos. O líder, por sua vez, precisa esforçar-se para administrar a sua angústia e a angústia dos membros da sua comunidade.

Como mapear os dispositivos causadores de sofrimento na vida religiosa, além das possíveis causas já elencadas? É o que vou procurar explicar no próximo tópico, alegando que a vida religiosa se encontra inserida sempre em um contexto social.

4. Na vida religiosa, o sofrimento é social?

É possível falar de sofrimento sem o social? O sofrimento psíquico seria também social? O sofrimento social é um problema apenas individual? É certo que o estudo sobre o sofrimento e sua relação com a dimensão social é algo recente (WERLANG; MENDES, 2013). O sofrimento humano é sempre um sofrimento social. Quer dizer que o sofrimento não corresponde somente ao aspecto individual, pois a pessoa que sofre está inserida num contexto social e institucional. De acordo com Furtos (2008a, p. 15), o sofrimento do “eu” está sempre mergulhado num contexto social. Significa que ninguém sofre só. Há sempre motivos e causas que provocam o sofrimento, por isso ele é social. Para o pensador francês, o sofrimento é de origem social porque não há indivíduo que viva isolado, especialmente, no universo do trabalho. Não existe um “eu” neutro do social. Desse modo, o sofrimento que é social é também psíquico, por ser capaz de abalar e afetar profundamente a confiança das pessoas. Aliás, no sofrimento social ocorre, entre outras coisas, a perda da confiança.

Uma vez que o sofrimento se encontra inserido num contexto social, Furtos (2008b, p. 1) ressalta que esse contexto de precariedade se dá através dos aspectos econômicos, políticos e antropológicos. Isso mostra que são diversas as contingências relacionadas ao desencadeamento do sofrimento. Daí a compreensão de que o sofrimento é uma forma de precariedade. A pessoa vai se isolando. Perdem-se os ideais de vida, uma vez que sua capacidade de se sentir como sujeito encontra-se debilitada. A precariedade da qual fala Furtos (2008b, p. 3) desencadeia no indivíduo a incapacidade de se ver como protagonista, isto é, como sujeito de sua própria condição humana.

Não há dúvidas de que na vida religiosa, atualmente, talvez mais do que em outros momentos da história da Igreja, exista um excesso do social na vida dos padres e freiras. Como já pontuado, esse excesso do social se faz presente no demasiado tempo dedicado ao trabalho. Em muitos contextos, padres e freiras não tiram férias. Além disso, são religiosos dia e noite. Não existe uma separação entre o que se é daquilo que se faz. É nesse contexto que o social se apropria, às vezes, demasiadamente, de padres e freiras.

Assim, no contexto religioso, como em outros ambientes, o sofrimento social “resulta de uma

violência cometida pela própria estrutura social e não por um indivíduo ou grupo que dela faz parte: o conceito refere aos efeitos nocivos das relações desiguais de poder que caracterizam a organização social” (PUSSETTI, 2011, p. 7). A partir desse dizer, justifica-se, portanto, que o estilo de vida que foi analisada neste artigo, a vida de pessoas consagradas na vida religiosa como freiras e padres, pertence a uma instituição social, isto é, à Igreja Católica. Então, muitas vezes, esses sujeitos sentem o peso e as exigências da instituição da qual fazem parte. Significa que o *processo de aceitação* precisa levar em consideração que o indivíduo se encontra inserido numa instituição. O mesmo vale para a *importância da escuta*. Essa escuta requer compreender que a pessoa em situação faz parte de uma instituição chamada Igreja Católica. Cabe ao *líder*, responsável pelo cuidado da comunidade, cuidar de si e dos demais, mas com sentimentos de alguém membro de uma instituição social e religiosa. Com isso, as quatro dimensões refletidas neste artigo levam em consideração que todo sofrimento é sempre social. Significa que não podemos olhar para os religiosos como pessoas deslocadas do ambiente institucional e social do qual fazem parte.

Considerações finais

A vida religiosa e presbiteral como lugar de realização pessoal exige de cada religioso e presbítero uma constante busca. Caso contrário, a pessoa corre o risco de cair no vazio. Partindo dessa premissa, primeiramente, expliquei que o processo de aceitação dos limites, ambiguidades e inconsistências, quando feito com responsabilidade, contribui positivamente para uma análise do sentimento do porquê da não realização. O que era negativo pode ganhar sentido positivo. Daí a importância do processo de aceitação. Expliquei, ainda que a *síndrome de burnout*, frequentemente identificada na vida religiosa e presbiteral devido ao excesso de trabalho, pode ser um entrave para o não sentimento de realização e de sofrimento. O que antes começou como sinal de realização, ou seja, a constante doação ao trabalho pode se tornar, num curto intervalo de tempo, desmotivação. Como explicado, tal síndrome suga as forças e a pessoa corre o risco de cair no vazio existencial.

Na segunda parte, o artigo foi ocupado com a importância da escuta do outro na dimensão da aceitação. As pessoas, de modo geral, e, especificamente, os religiosos (as) e presbíteros, são convidadas a perceber a importância que tem o *Outro* na dimensão da aceitação. A pessoa se abrir, portanto, a esse Outro, em vista de dar nome aos sentimentos, tem o poder de curar corações feridos e desiludidos. Quem é este *Outro*? Cabe ao religioso (a) e ao presbítero responder para si mesmo quem é esse *Outro* em sua vida. Pode ser um profissional da psicologia ou um confessor ou, ainda, um diretor espiritual etc.

Na terceira parte, a discussão foi sobre a temática do líder como alguém que precisa

cuidar de si e do Outro. O superior ou líder precisa ser alguém capaz de dialogar com seus próprios sentimentos. É preciso saber lidar com as seguintes realidades, tanto em si como na existência dos membros da comunidade, agressividade, ciúme, inveja, mentira, insatisfação, solidão, insegurança, hipersensibilidade e angústia. Assim, cabe ao superior (líder) cuidar de si e do Outro em vista da realização na vida religiosa e presbiteral, mas contando com o espírito de abertura por parte de seus confrades.

Por último, na quarta parte, o artigo mostrou que, na vida religiosa, o sofrimento precisa ser compreendido como uma realidade social. Todo sofrimento é social? Foi dito que não há sofrimento que não seja social. O “eu” se encontra inserido sempre em um contexto social. Daí que o sofrimento social é também psíquico, pois, uma vez que a pessoa se sente afetada em sua totalidade, sobretudo, no âmbito de sua confiança, significa que a dimensão psíquica se torna o aspecto mais vulnerável na estrutura de personalidade. Padres e freiras são atores sociais. Certamente, estão sempre inseridos num contexto religioso que é, por sua vez, também social.

Referências

BERLINCK, M.T. *Psicopatologia Fundamental*. São Paulo: Escuta, 2000.

CARRARA, P.S. Apreciações – O Sofrimento psíquico dos presbíteros. Dor institucional, por W.C. C. In: *Revista Eclesiástica Brasileira (REB)*, n. 287. Petrópolis: Vozes, 2012.

FREUD, S. Atos obsessivos e práticas religiosas. In: *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. IX, p. 107-117). Rio de Janeiro: Imago, 1996a.

FREUD, S. O mal-estar na civilização. In: *Obras completas de Sigmund Freud* (Vol. XXI, p. 73-143). Rio de Janeiro: Imago, 1996b.

FURTOS, J. *L'apparition du sujet sur l'ascène sociale et sa fragilité: l'aprécarité de la confiance*, p.12-22. França: Erès, (2008a).

FURTOS, J. *Introduction – Être dérangé par le social*, p.1-6, França: Erès, 2008b.

HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo*. Petrópolis: Vozes, 2004.

JOVCHELOVITCH, S. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e Representações Sociais. In: GUARESCHI, P. JOVCHELOVITCH, S. (Orgs.). *Psicologia Social: textos em Representações Sociais*, p. 53-68. Petrópolis: Vozes, 2011.

- KIERKEGAARD, S. *O Conceito de Angústia*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- LACAN, J. *O Seminário – Angústia*, Livro 10, Rio de Janeiro: ZAHAR, 2004.
- LUKAS, E. *Psicologia espiritual*. São Paulo: Paulinas, 2002.
- MANENTI, A. *Vocação, Psicologia e Graça*. São Paulo: Loyola, 1991.
- NOVELLO, F. P. (2000). *Um mergulho em si*. São Paulo: Paulinas.
- PEREIRA, W. C. C. *Sufrimento psíquico dos presbíteros: Dor institucional*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- PUSSETTI, CL. Sofrimento social: idiomas da exclusão e políticas do assistencialismo. *Revista do centro em rede de investigação em antropologia*, volume 15, Lisboa: 2011.
- ROGER, C. R. *Tornar-se Pessoa*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- WERLANG, R. MENDES, J. M. R. Sofrimento social. *In: Serv. Soc.*, n. 116, p. 743-768, São Paulo: 2013.

HUMAN SUFFERING, CARE FOR ONESELF AND FOR THE OTHER IN RELIGIOUS LIFE

Abstract: How should one approach the issue of care with the objective of easing suffering in religious life? In this context, religious life is understood as the religious way of life taken on by priests and nuns. In order to deal with this issue, this article was divided into four parts: (1) the acceptance process; (2) the importance of listening to the other in the dimension of acceptance; (3) The leader as someone who takes good care of him/herself and of the other; and (4) Can suffering be social in religious life? Firstly, we attempt to explain that the process of accepting limitation, when it is done responsibly, it contributes to the analysis of the reasons of the non-performance in religious life. Secondly, we focus our attention on the importance of listening to the other in the acceptance process concerning our own difficulties. Thirdly, we put under discussion the role of the leader as someone who needs to take care of him/herself and of the other. And lastly, this article aims at demonstrating that suffering in religious life requires that we take into account social context.

Keywords: Acceptance – Listening to the other – Religious and Priestly Life – Social Suffering